Um pouco da história da pesquisa sobre o "Povo da Terra"

A expressão hebraica *'am ha'arez* ("povo da terra"), encontrada no Antigo Testamento, tem desafiado os estudiosos da Bíblia. Curiosamente, este tema foi, comparativamente, mais estudado na primeira metade deste século, do que atualmente. Provavelmente, esse interesse não foi um simples modismo, mas o resultado de uma crise social na Europa. Até o início do século XX, os enfoques filosóficos, políticos e teológicos dominavam o interesse dos estudiosos. Segundo Hayim Tadmor, *O 'povo' e o Reino de Israel antigo: papel das instituições políticas no período bíblico,* in *Vida e valores do povo judeu*[1], foi Max Weber (1864-1920), um sociólogo e economista alemão, quem teve o mérito de abrir este novo e definitivo caminho da pesquisa bíblica, através de seu livro *O judaísmo antigo*[2], postumamente publicado em 1921. A partir daí, têm surgido interesses maiores e diversos, particularmente na área da teoria política e dos estudos das instituições do antigo Israel.

A pesquisa sobre o tema bíblico "povo da terra" cresceu em interesse a partir daí, chegando a assumir contornos surpreendentes, comparado aos nossos dias. A maioria dos estudiosos concordam em citar, como a pioneira e a mais provocante, a pesquisa de Ernst Würthwein, *O 'am ha'arez no Antigo Testamento*[3]. Assim, nossa tentativa de traçar os contornos da história dessa pesquisa terá como referência principal esta importante obra.

1. TADMOR, H., in *Vida e valores do povo judeu.* Unesco Perspectiva, 1969, p. 39-64.
2. WEBER, Max. *Ancient Judaism.* The Free Press, Macmillan, 1967.
3. WÜRTHWEIN, Ernst. *Der am ha-arez im Alten Testament.* Stuttgart, 1936.

O POVO DA TERRA SEGUNDO ERNST WÜRTHWEIN

A. Würthwein e seu tempo

Quando Würthwein publicou sua pesquisa, alguns trabalhos sobre o mesmo tema já tinham chegado às mãos dos estudiosos. Entre esses, citamos o artigo de S. Daiches, *O 'am ha'arez no Antigo Testamento*[4], e de Salomon Zeitlin, *O 'am ha'arez*[5]. Esta década foi marcada pelo acentuado interesse na pesquisa em torno da situação político-econômica do povo de Deus. Uma década antes, a Europa estava mergulhada numa crise social. Foi o período da teologia dialética. Das pesquisas publicadas nesse período selecionamos a de M. Sulzberger, *A sociedade organizada do antigo povo hebreu*[6]; Robert Gordis, *A rivalidade de grupos no Reino de Judá*[7], como um testemunho do interesse dos pesquisadores pela situação política, social e econômica da Palestina. Nota-se, entretanto, que esta vitalidade foi se perdendo ao longo das décadas seguintes. Mas o que importa, aqui, é constatar e reconhecer que, nas décadas de 20 e 30, houve uma intensa atividade de pesquisa em torno da primitiva vida e instituições de Israel. Esta constatação pode ser de grande valia para o avanço do estudo da Bíblia na América Latina, visto que, a despeito das conclusões de Würthwein, sua pesquisa provoca seus leitores a uma leitura sociológica da Bíblia.

B. O conceito de Povo da Terra segundo Würthwein

Würthwein define *'am ha'arez* como um termo técnico para referir-se aos cidadãos plenos de um território com direito de servir no exército, com direito de participação na jurisprudência e direito de exercer culto. O termo *'am* ("povo"), freqüentemente, aparece no Antigo Testamento atribuído a uma região, a uma família ou à divindade e designa a responsabilidade do cidadão masculino de uma nação. No caso particular da expressão *'am ha'arez*, Würthwein argumenta que a palavra *'arez* ("da terra"), dentro da expressão, pode ser substituída pelo nome do país ou região ao qual ela se refere. Como exemplo, ele menciona a expressão "povo de Judá" (2Rs 14,21), "povo de Hebron" (Gn 23,7.12-13, confira Gn 42,6 e Nm 14,19).

A importância duradoura da pesquisa de Würthwein reside na qualidade de seus argumentos e conclusões acerca da ocorrência da expressão *'am ha'arez*, especialmente, nos textos deuteronomistas (2Rs 11,1-20; 21,19-26; 23,28-30, entre outros). Foi a partir dessa ocorrência diferenciada que ele procurou buscar, através de uma pesquisa séria, os traços característicos desse suposto grupo de cidadãos. Foi através de três linhas de pesquisa que ele estudou e definiu o "povo da terra":

4. DAICHES, S. The 'am ha'arez in the Old Testament, in *Journal of Theological Studies*, 30 (1929), p. 245-249.

5. ZEITLIN, S. The 'am ha'arez, in *The Jewish Quarterly Review* (N.S.), 23 (1932), p. 45-61.

6. SULZBERGER, M. The polity of the Ancient Hebrew, in *The Jewish Quarterly Review* (1912-1913), p. 1-81.

7. GORDIS, R. Sectional Rivalry in the Kingdom of Judah, in *The Jewish Quarterly Review*, 25 (1934-1935), p. 237-259.

1) O povo da terra teve, diversas vezes, um papel importante na instalação do trono. Entretanto, este grupo se coloca, quase sempre, em contradição a Jerusalém e os altos funcionários do palácio. Outras vezes, o povo da terra está mencionado junto aos reis e funcionários estatais. Por tudo isso é que Würthwein não tem dúvida em afirmar que o povo da terra estava profundamente envolvido com a política do rei a partir de Jerusalém.

2) O povo da terra exerceu uma atividade econômica especial, o que mostra o fato que ele possuía escravos endividados e lhe era atribuída a responsabilidade de pagar tributo.

3) O povo da terra também tinha a obrigação de servir no exército nacional.

O AVANÇO DA PESQUISA

1. A reação a Würthwein

Se, de um lado, Würthwein possui definições categóricas acerca da natureza do povo da terra, de outro, ele tem suscitado muitas críticas por suas definições absolutas e inflexíveis, como se o termo quisesse apontar para uma instituição claramente definida (conferir Antonius H.J. Gunneweg, *'am ha 'arez – Uma revolução semântica*[8]. Parece que esta posição tão definida provocou uma reação de igual intensidade entre os estudiosos de uma geração mais recente: Ernest W. Nicholson, *O significado da expressão 'am ha'arez no Antigo Testamento*[9]; Shemaryahu Talmon, *O 'am ha'arez judeu na perspectiva histórica*[10]; Aharon Oppenheimer, *O 'am ha'arez*[11]. O eixo em torno do qual gira essa reação argumenta que a expressão "povo da terra" não possui significado fixo e rígido, mas é usada, no Antigo Testamento, de modo puramente geral e fluido, variando no significado de contexto para contexto. Para considerá-lo como um termo técnico, designando uma classe específica dentro da população de Judá, é preciso ler muito além do seu real significado (conferir Ernest W. Nicholson). A crítica tem seu argumento mais consistente no testemunho histórico do período pós-exílico, especialmente a partir da dinastia dos Hasmoneus (conferir Aharon Oppenheimer), quando o "povo da terra" é caracterizado como camponês ignorante e negligente aos preceitos da Torá, tornando-se, por isso, objeto de escárnio em razão de seus maus procedimentos (conferir S. Daiches).

2. O impulso a partir de Würthwein

Não restam dúvidas que o trabalho de Würthwein abriu amplos horizontes para a pesquisa do "povo da terra" no Antigo Testamento. Na verdade, ele conseguiu penetrar no núcleo da questão, deixando para trás generalidades em

8. GUNNEWEG, Antonius H.J. A semantic revolution, in *Zeitschrift für Alttestamentliche Wissenschaft*, 95 (1983), p. 437-440.

9. NICHOLSON, E.W., in *Journal of Semitic Studies*, 10 (1965), p. 59-66.

10. TALMON, S. The Judean 'am ha'arez in historical perspective, in *Fourth World Congress of Jewish Studies*, vol. 1, 1967, p. 71-76.

11. OPPENHEIMER, A. *The 'am ha'arez*. E.J. Brill, 1977.

torno do assunto. Daí para frente, o "povo da terra" passa a ser analisado sob a perspectiva histórica e social de Israel. Esta mudança é saudada pelo sociólogo judeu Hayim Tadmor, *O 'povo' e o Reino do antigo Israel: papel das instituições políticas no período bíblico*[12]. As pesquisas de M. Sulzberger e S. Daiches, que definiam o "povo da terra" como líderes ou representantes do povo no parlamento hebreu, não teve continuidade.

OS NOVOS CAMINHOS DA PESQUISA

Comparadas às três primeiras décadas do século XX, as pesquisas, em torno deste tema, não tiveram a mesma intensidade. Porém a pesquisa se diversificou, provavelmente, em função do apelo dos novos métodos exegéticos e, naturalmente, dos dasafios dos tempos modernos.

1. No final da década de 40, Gerhard von Rad propôs uma teoria que contraria a visão, até então, predominante entre os pesquisadores bíblicos. A proposta de von Rad afirma que a origem do livro de Deuteronômio está entre os círculos dos levitas que viviam no interior e nos campos da Judéia (conferir *Estudos em Deuteronômio*)[13]. Para ele, o Deuteronômio está impregnado da ideologia da antiga instituição sacral da Guerra Santa, caracterizada pelo espírito nacional e marcial. Ele argumenta que os levitas foram os porta-vozes de um movimento para o reavivamento e a independência nacional entre o povo da terra. Esta proposta de von Rad faz sentido quando lemos acerca das participações do povo da terra nas narrativas da queda de Atalia (2Rs 11,1-20), a subida de Josias e Joacaz ao trono (2Rs 21,24; 23,30), entre outras.

2. Um novo caminho de pesquisa foi aberto nos campos da Crítica Literária e História da Tradição. A constatação desse esforço tem no artigo de J. Alberto Soggin um interessante e valioso veio (*O 'am ha'arez judaico e a monarquia em Judá*[14]). Soggin analisa uma possível relação entre o redator deuteronomista e o povo da terra. Esta relação fica evidenciada na expressão avaliativa dos reis de Judá, "e fez o que era agradável aos olhos de Javé", pois dos oito reis de Judá, avaliados como justos, quatro possuem uma relação muito próxima com o povo da terra, dois outros, com algumas alusões históricas, são colocados no mesmo nível. Somente dois reis justos não têm menção de ligação com o povo da terra. A partir dessa constatação, Soggin levanta a suspeita de ver no povo da terra o grupo condutor da tradição javista, em Judá, mesmo no período exílico e pós-exílico. Com isso, ele sugere a possibilidade de encontrar uma conexão entre o povo da terra e o redator da Obra Historiográfica Deuteronomista. Constatada esta ligação, conseqüentemente, o perfil do *'am ha'arez* será enriquecido de informações valiosas para a história de Israel, particularmente de Judá. Para Soggin, o povo da terra foi, dessa forma, o portador da tradição da fé javista.

12. TADMOR, H., *opus cit.*

13. VON RAD, Gerhard. *Studies in Deuteronomy*. Chicago, 1953, p. 60-69.

14. SOGGIN, J. A. Der Judäische 'am ha'arez und das Königtum in Juda, in *Vetus Testamentum*, p. 187-195.

Em 1982, Christoph Levin publicou seu provocante livro *A queda da rainha Atalia*[15], onde procura estudar o tema a partir, especialmente, da narrativa Deuteronomista. Aí, ele encontra quatro camadas literárias, das quais somente 45% tem sua origem no veio mais antigo e totalmente profano. Todavia, Levin afirma que a redação teológica é a parte mais importante. Esta aconteceu no período deuteronomista, final do século VI e início do século V aC. Foi o tempo quando a teologia da aliança se desenvolveu e a novela de Atalia ganhou a sua peculiaridade paradigmática e apelativa. Como resultado de suas pesquisas, ele conclui que o povo da terra não existe como classe social. Ele é o povo, o povo que vivia, trabalhava e cultuava. Ao contrário da antiga tese de Würthwein, ele provoca: "Não houve o povo da terra num sentido específico. Ele é um fantasma exegético" (p. 69).

Mais recentemente, em 1984, Ernst Würthwein publicou *Os livros dos Reis*[16], propondo novamente uma leitura dos livros de Reis à luz de quatro camadas literárias compostas de textos pré-deuteronomista, deuteronomista, acréscimos pós-deuteronomistas e adendos pós-deuteronomistas segundo as tradições de Elias e Eliseu. Esta pesquisa poderá trazer mais luzes, especialmente, sobre a suposta relação que Soggin sugeriu em seu artigo.

A tentativa de caracterizar e isolar a autêntica fraseologia deuteronomista tem na valiosa obra de Moshe Weinfeld, *Deuteronômio e a Escola Deuteronômica*[17], publicada em 1972, um sugestivo exemplo de pesquisa. Enfim, para o leitor interessado na construção literária dos livros de Reis, fica a sugestão dos livros de Burke O. Long, *1 e 2 Reis*, volumes IX e X da coleção *"As formas da literatura do Antigo Testamento"*[18], onde se encontra uma atualizada bibliografia sobre o assunto. Embora possa parecer que o tema "povo da terra" não esteja em pauta nestas publicações, o fato é que ele, indiretamente, tem sido abordado, possibilitando ao estudante ampliar e perceber detalhes, anteriormente, imperceptíveis no seu perfil.

3. Além do desafio de descobrir o perfil político do povo da terra, existe a dificuldade de explicar a mudança abrupta de conduta descrita, mormente, pelos textos bíblicos a partir do livro do profeta Jeremias. Não restam dúvidas que esta tem sido uma das questões mais difíceis de ser abordada. No seu extenso artigo, S. Daiches (conferir nota 4), já na década de vinte, percebeu e tentou explicar os dois perfis do povo da terra: no período pré-exílico, uma atuação reconhecidamente sólida e respeitada pela tradição bíblica; a partir do período exílico até os dias de Jesus, o conceito do povo da terra torna-se aparentemente negativo.

Marvin H. Pope, em sua contribuição para *O Dicionário do Intérprete da Bíblia*, volume A-D[19], procura explicar que esta mudança foi devida a dois fatores:

15. LEVIN, C. *Der Sturz der Königin Atalja*, in Stuttgarter Bibel-Studien, v. 105. Verlag Katholisches Bibelwerk, 1982.

16. WÜRTHWEIN, E. *Die Bücher der Könige, 1. Kön. 17-2 Kön. 25*, in Das Alte Testament Deutsch 11/2. Vandenhoeck & Ruprecht, 1984.

17. WEINFELD, M. *Deuteronomy and the Deuteronomic School.* Clarendon Press, 1972.

18. LONG, Burke O. *2 Kings*, The Forms of the Old Testament Literature, vol. 10. Eerdmans, 1991.

19. POPE, M.H. 'am ha'arez, in *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, vol. A-D. Abingdon, 1962, p. 106-107.

(a) o conflito entre os que voltaram do exílio, chamados de "povo de Judá", e os que permaneceram na Palestina, o "povo da terra" (Esd 4,4); (b) a ofensiva e desdenhosa designação, atribuída ao povo da terra pela literatura rabínica, é devida à antipatia promovida pela elite contra a classe pobre (cf. Mc 7,1-5; Lc 6,1-5; 11,37-41). Percebendo este problema, Roland de Vaux, em *Instituciones del Antiguo Testamento*[20], também procura explicar esta duplicidade de conceito em razão de uma nova e completa estratificação dos camponeses em função do exílio babilônico e, conseqüentemente, do avanço da população estrangeira na Palestina.

De modo geral, todas as tentativas para explicar esta suposta "discriminação", colocada sobre o povo da terra, têm nos argumentos de Antonius H.J. Gunneweg (conferir nota 8) uma aguda crítica e inteira rejeição. Ele tenta entender a mudança do significado do termo *'am ha'arez* buscando outros fatores que causaram esta mudança. Para Gunneweg, a razão da mudança é meramente teológica, pois nasce, com o retorno dos exilados, um novo conceito de verdadeira congregação israelita: a *golah*, a saber, a comunidade do povo de Deus deportada que agora retornava (Esd 1,11; 2,1; 4,1; 6,16.19.20.21, etc.). Os "filhos da golah" formam a verdadeira congregação, em oposição a todos os povos (habitantes) da terra. Ele atribui a esta revolução semântica um caráter teológico, porque a Torá tornou, nas mãos da *golah*, o critério e a linha de separação entre Israel e o "povo da terra" (uma designação pós-exílica para os habitantes não judeus da Palestina). Assim, o nome *'am ha'arez* permaneceu nas páginas do Antigo Testamento, mas recebeu um novo conteúdo. Embora tratando rapidamente do perfil do povo da terra, Claude Tassin, em *O judaísmo do exílio ao tempo de Jesus*[21], tira conclusões mais ou menos semelhantes.

4. Como era de se esperar, os estudiosos latino-americanos têm revelado interesse pelo tema povo da terra. Mas antes de qualquer análise, é fundamental dizer que, prioritariamente, o esforço exegético latino-americano tem sido marcado pela intenção pedagógica junto ao povo cristão. As pesquisas publicadas, prioritariamente, entendem ciência sob novos parâmetros.

Na América Latina, a pesquisa sobre o *'am ha'arez* pode ser vista de três ângulos: Naturalmente que as três ênfases aqui constatadas caracterizam intenções pedagógicas e posições teológicas.

a) Uma tentativa de reproduzir e aprimorar o que foi pesquisado nas universidades do Primeiro Mundo, geralmente, informando com certa superficialidade e abordando o tema sem levar em conta as diferentes circunstâncias históricas em que o termo foi usado. Naturalmente, a finalidade dessas pesquisas é compor, tão-somente, um trabalho didático e popular. Embora fugindo a algumas avaliações acima mencionadas, o estudo de João Evangelista Martins Terra *A justiça social no AT*[22], espelha as esparsas tentativas de abordar o assunto. Todavia, esta abordagem não ajuda o leitor a captar uma noção clara do tema em questão. Dentro dessa linha de pesquisa deve ser mencionada a boa pesquisa de Osmar Zizemer que, numa clara exposição, esboça um estudo do povo da terra em

20. DE VAUX, Roland. *Instituciones del Antiguo Testamento*. Herder, 1964, p. 112-114.

21. TASSIN, C. *O judaísmo do exílio ao tempo de Jesus*. Paulinas, 1988, p. 20-21.

22. TERRA, J.E.M. A justiça social no Antigo Testamento, in *Revista de Cultura Bíblica*, v. 34, n. 59, 1991, p. 7-18.

três períodos da história do povo de Deus (*Este povo que não conhece a Lei são uns malditos*)[23]. Embora não sendo novidade, Zizemer conclui com a hipótese bastante discutida e criticada que Jesus Cristo vivenciou o problema do povo da terra durante o seu ministério.

b) Há tentativas que definem o *'am ha'arez* unilateralmente, isto é, somente na perspectiva final e posterior ao Antigo Testamento. Estes são os casos de Ricardo Pietrantonio, *Itinerario bíblico*, vol. II[24], e Euclides Martins Balancin, *História do Povo de Deus*[25].

c) O terceiro ângulo da pesquisa latino-americana nasceu e cresceu em vista dos grandes desafios que os(as) biblistas latino-americanos(as) enfrentam. Diante da realidade, eles e elas foram levados(as) a repensarem e refazerem o jeito de interpretar a Bíblia para o povo. Daí surgiu um jeito de abordar o tema que prioriza os anseios do povo pela busca de liberdade e valoriza a análise dos aspectos econômico, social e político, provocadores de sua proclamação e transmissão. Assim é que as tentativas de escrever e interpretar a história do povo de Deus têm se multiplicado nos Cursos Intensivos de Bíblia e nas publicações do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), os Cursos de Verão, promovidos pelo Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular – CESEP – entre tantos e tantos esforços.

Assim é que Jorge Pixley, *História de Israel a partir dos pobres*[26], define o povo da terra como os homens de poder e prestígio nas cidades e províncias que apoiaram reformas, incluindo a centralização administrativa e cúltica em Jerusalém, com o fim de obter maior autonomia e liberdade de ação no campo (p. 52). Esta também é a opinião de Sandro Gallazzi em seu artigo *Por que consultaram Hulda?*[27] Gallazzi, ao contrário de muitos estudiosos, vê o povo da terra como um grupo social bem específico (conferir Jorge Pixley, p. 67), sem conotações religiosas, que, quando necessário, oprime e massacra o povo, em função da administração das terras que possui. Enfim, o povo da terra é um grupo constituído de descendentes de Davi, formando uma aristocracia no interior de Judá, oposto a tudo que viesse do Reino do Norte. Provavelmente, Gallazzi foi o pesquisador latino-americano que mais escreveu e mais definiu o perfil do povo da terra, tanto no período pré-exílico como no pós-exílico (cf. *Eu e meus filhos caminharemos na aliança de nossos pais – o confronto do campesinato judaíta e o helenismo*[28], *Louvai a Deus que não retirou sua misericórdia da casa de Israel – Jt 13,14*[29].

23. ZIZEMER, Osmar. Este povo que não conhece a Lei, são uns malditos, in *Estudos Bíblicos*, n. 27, 1990, p. 47-53.

24. PIETRANTONIO, Ricardo. *Itinerario bíblico*, vol. 2. La Aurora, Argentina, 1989, p. 76-77.

25. BALANCIN, Euclides Martins. *História do Povo de Deus*. Paulinas, 1989, p. 159-161.

26. PIXLEY, Jorge. *História de Israel a partir dos pobres*. Coleção "Deus Conosco" n. 1. Editora Vozes, 1991.

27. GALLAZZI, Sandro. Por que consultaram Hulda? in *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 16, 1993, p. 38-46.

28. IDEM, "Eu e meus filhos caminharemos na aliança de nossos pais" – o confronto do campesinato judaíta e o helenismo, in *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 11, 1992, p. 75-90.

29. IDEM, Louvai a Deus que não retirou sua misericórdia da casa de Israel – Jt 13,14, in *Estudos Bíblicos*, n. 35, 1992, p. 27-38.

Este desabrochar da pesquisa bíblica latino-americana não surgiu por acaso, mas seu crescimento tem nome e intenção. A realidade sofrida deste continente tem desafiado o povo cristão a buscar, na leitura da Bíblia, orientação, força e ânimo para lutar pela vida. Naturalmente, o estudo de temas como o povo da terra tem chamado a atenção, especialmente, das pastorais ligadas à terra, já que Milton Schwantes o tem definido como o "campesinato judaíta"[30]. Esta é uma confirmação de sua definição registrada na coleção *Comentário Bíblico AT – Ageu*[31]. Schwantes acrescenta que profetas como Miquéias e Ageu representaram o povo da terra. Gilberto Gorgulho, em Zacarias[32], reitera esta definição, mas acrescenta que, no período pós-exílico, o povo da terra é também chamado de "resto". Se é difícil traçar o perfil desse povo no período pré-exílico, esta tarefa fica mais complicada após o exílio babilônico.

O MOMENTO ATUAL DA PESQUISA

Como percebemos, a pesquisa européia e americana têm caminhado e avançado mais no âmbito literário, descobrindo fontes e nomeando seus possíveis autores. Não se pode negar o valor de suas pesquisas. A bem da verdade, o interesse pela leitura sociológica da Bíblia está presente nos grandes centros de pesquisa da Europa e América do Norte. Entretanto, é bem verdade que, apesar desses avanços científicos, as interrogações do povo, leitor da Bíblia, aumentam. E diante da expectativa desse povo, crente e fiel, por um alento a partir da Bíblia, os pastoralistas não têm outra opção a não ser a busca de outro caminho metodológico. O fato é que a pesquisa bíblica gastou demasiada energia na tentativa de explicar o problema literário do Pentateuco, sem trazer para o povo crente e militante uma resposta às suas necessidades.

Particularmente, a pesquisa sobre o povo da terra precisa avançar, não necessariamente no âmbito da Crítica Literária, mas no vasculhamento da situação econômica, social, política e religiosa da Palestina a partir do século IX aC. Mais particularmente, esta pesquisa precisa concentrar-se basicamente em três frentes: (a) na retomada de um antigo projeto de comércio internacional, empreendida pela dinastia omrita que se estendeu ameaçadoramente para Judá, bem como suas conseqüências para a vida do povo de Deus; (b) a reação do povo da terra a qualquer intervenção estranha aos seus princípios de fé também deve ser alvo de uma perseverante pesquisa; (c) as razões da abrupta mudança do conceito de povo da terra ocorrida após o exílio babilônico.

O futuro parece promissor no âmbito da exegese sociológica. O Brasil credencia-se, com méritos, para esta tarefa. Com uma liderança competente e determinada, a contribuição dos brasileiros, junto aos centros de pesquisas latino-americanos, tem avançado consideravelmente nos últimos doze anos.

Tércio Machado Siqueira
Rua do Sacramento 230
09735-460 São Bernardo do Campo – SP

30. SCHWANTES, Milton. *Curso de Verão*, v. 2. Edições Paulinas, 1988, p. 21. Conferir: Meu povo em Miquéias, in *Palavra na Vida*, n. 15, CEBI, São Leopoldo, 1989.

31. IDEM, *Ageu*. Comentário Bíblico AT, Editora Vozes, 1986, p. 44-46.

32. GORGULHO, Gilberto. *Zacarias*. Comentário Bíblico AT, Editora Vozes, 1985, p. 65.